

# Angústia

*Anton Tchekhov*

Sacha “Com quem a dor partilharei?...”

Anoitece. A neve graúda e húmida gira preguiçosamente ao redor dos lampiões recém acesos e deita-se em placas macias e finas nos telhados, nos lombos dos cavalos, nos ombros, nos gorros. O cocheiro Iona Ptápov está todo branco, como um fantasma. Está sentado na boleia, curvado, tão curvado quanto é possível curvar-se um corpo vivo, e não se mexe. Se toda uma avalanche se despencasse sobre ele, nem assim, ao que parece, ele acharia necessário sacudir a neve... A sua eguazinha também está branca e imóvel. Pela sua imobilidade, suas formas angulosas e as pernas rectas como paus, até de perto ela parece um cavalinho de pão-de-mel de um copeque. Ao que tudo indica, ela está mergulhada em meditações. Quem foi arrancado do arado, das costumeiras paisagens cinzentas, e atirado aqui, neste atoleiro, cheio de luzes monstruosas, zoeira incessante e gente apressada, este não pode deixar de meditar...

Iona e a sua eguazinha não se movem do lugar já faz muito tempo. Saíram do pátio ainda antes do almoço, porém não fizeram nem uma corrida. Mas eis que a sombra da noite desce sobre a cidade. A luz pálida dos lampiões cede lugar à cor viva e o bulício das ruas torna-se mais ruidoso.

– Cocheiro, para a Viborgskaia! – ouve Iona. – Cocheiro!

Iona estremece e, através dos cílios grudados pela neve, vê um militar de capote e capuz.

– Para Viborgskaia! – repete o militar. – Mas tu estás dormindo, heim? Para Viborgskaia!

Em sinal de assentimento, Iona puxa as rédeas, em consequência do que, placas de neve caem dos seus ombros e do lombo do cavalo. O militar toma assento no trenó. O cocheiro estala os lábios, estica o pescoço à maneira de um cisne, soergue-se e, mais por hábito que por necessidade, brande o chicote. A eguazinha também estica o pescoço, arqueia as pernas magras e, insegura, põe-se em movimento.

– Por onde te metes, lobisomem! – ouve Iona, assim que sai, gritar de dentro da massa escura que balança para diante e para trás. – Aonde te carrega o diabo? Para a direita!

– Não sabes dirigir! Aguenta a direita! – ralha o militar.

Um cocheiro de carruagem particular pragueja ao cruzar e um transeunte, que atravessara a rua correndo e batera com o ombro no focinho da égua, olha furioso e sacode a neve da manga. Iona se contorce na boleia como se estivesse sentado em alfinetes, joga os cotovelos para os

lados, e seus olhos correm como possessos, como se ele não compreendesse quem é e por que está aqui.

– Como todos são canalhas! – zomba o militar. – Só procuram abalroar-te ou se jogar debaixo do teu cavalo! É que estão todos de conluio contra ti!

Iona olha para trás, para o passageiro, e move os lábios... Vê-se que quer dizer alguma coisa, mas da sua garganta não sai nada, a não ser um som gutural.

– O que é? – pergunta o militar.

Iona torce a boca num sorriso, força a garganta e rouqueja:

– É que...patrão...coisa... o ..meu filho...se finou esta semana.

– Hum!... E de que foi que ele morreu?

Iona volta-se de corpo inteiro para o passageiro e fala:

– E quem sabe lá! Vai ver, foi a febre... Ficou três dias no hospital e se finou...É a vontade de Deus.

– Vira, demónio! – soa na escuridão. – Estás tonto, ou o quê, cachorro velho? Toca para a frente!

O cocheiro torna a esticar o pescoço, a soerguer-se, brandindo o chicote com graça pesada. Depois, por várias vezes, ele se volta para o passageiro, mas este fechou os olhos e, pelo visto, não está disposto a escutar. Deixando-o na Viborgskaia, Iona pára diante de um botequim, dobra-se na boleia e torna a ficar imóvel... De novo a neve húmida tinge de branco a ele e a sua égua. Passa uma hora, outra...

Pelo passeio, pisando ruidosamente com as galochas e altercando, passam três rapazes; dois deles são altos e magros, o terceiro é baixo e corcunda.

– Cocheiro, para a ponte Policial! – grita o corcunda com voz de tremulo. – Nós três – por vinte copeques!

Iona puxa as rédeas e estala os lábios. Vinte copeques não é preço justo, mas ele não está para pensar em preço... um rublo ou cinco copeques, para ele dá na mesma agora – haja passageiros... Os moços, aos empurrões e palavrões, vêm para o trenó e sobem no assento todos ao mesmo tempo! Começa a discussão do problema: quais os dois que irão sentados, e qual o terceiro que irá de pé?

Após longos debates, bate-boca e acusações, eles chegam à decisão de que deve viajar de pé o corcunda, por ser o menor.

– Anda, toca! – range o corcunda, firmando-se e bafejando na nuca de Iona. – Descansa o cavalo! Mas que gorro o teu, heim, mano! Pior não se acha em toda Petersburgo!...

– Hehe...hehe... – gargalha Iona. – É o que é...

– Anda, tu aí, “é o que é”, toca pra frente! É assim que vais andar o caminho inteiro? E que tal um pescoção?

– A cabeça me estala... – diz um dos compridos. – Ontem na casa dos Dukmásov nós dois, o Vaska e eu, limpamos quatro garrafas de conhaque.

– Não entendo por que mentir! – enfeza o outro comprido.

– Mentas que nem um animal!

– Que Deus me castigue se não é verdade...

– É tão verdade quanto um piolho tossir.

– He...he... – ri Iona. – Os senhores alegres...

– Arre, que os diabos te carreguem!... – indigna-se o corcunda. – Vais andar, carcaça velha, ou não? Isto é maneira de dirigir? Chicote nela! Upa, diabo! Upa! Dá-lhe rijo!

Iona sente atrás das costas o corpo irrequieto e a vibração da voz do corcunda. Ouve os insultos que lhe são dirigidos, vê a gente, e o aperto da solidão pouco a pouco começa a afrouxar no seu peito. O corcunda continua a imprecar até que engasga num palavrão de seis andares e desanda a tossir. Os dois compridos põem-se a conversar sobre uma certa Nadejda Petrovna. Iona olha para eles por cima do ombro. Escolhendo um momento propício, volta-se novamente e balbucia:

– E eu nesta semana...coisa... finou-se meu filho!

– Todos vamos nos finir... – suspira o corcunda, enxugando os lábios depois do acesso de tosse. – Anda, toca, toca! Deus meu, palavra que não aguento mais viajar assim! Quando é que nós vamos chegar?

– Você poderia animá-lo um pouquinho – na nuca!

– Estás ouvindo, traste velho? Vou te encher de pescoções! Se a gente começa a fazer cerimónia com a tua laia, acaba andando a pé! Estás ouvindo, Dragão Gorinitch? Ou não te importa o que dizemos?

E Iona ouve, mais do que sente, o ruído do pescoção.

– Heehe... – ri ele. – Que senhores alegres... benza-os Deus!

– Cocheiro, és casado? – pergunta um dos compridos.

— Eu, é? Heeehe...alegres senhores! Eu agora só tenho uma mulher — a terra húmida... Hehe...hoho... A sepultura, é o que é!... O filho, este morreu... e eu estou vivo... Coisa esquisita, a morte errou de porta... Em vez de vir me buscar, foi ao filho...

E Iona volta-se para contar como morreu seu filho, mas aí o corcunda suspira aliviado e declara que, graças a Deus, eles já chegaram, finalmente. Tendo recebido os vinte copeques, Iona finca longamente o olhar no encaço dos farristas, que desaparecem num portão escuro. Outra vez ele está só, e outra vez o silêncio cai sobre ele... A angústia, que amainara um pouco, surge de novo e oprime o peito com força maior ainda. Os olhos de Iona correm aflitos e martirizados pelas turbas que se agitam de ambos os lados da rua: não haverá no meio dessas milhares de pessoas ao menos uma que quisesse ouvi-lo? Mas as turbas correm sem notá-lo, nem a ele, nem à sua angústia... Angústia enorme, que não conhece limites. Se estourasse o peito de Iona e a angústia se derramasse, ela inundaria, parece, o mundo inteiro — e no entanto, ela é invisível. Ela conseguiu aninhar-se numa casca tão ínfima, que não se pode enxergá-la nem com lanterna à luz do sol...

Iona vê um zelador de prédio com um saco na mão e decide falar com ele.

— Mano, que horas serão? — pergunta ele.

— Passa das nove... E por que ficas parado aqui? Vai andando!

Iona afasta-se alguns passos, dobra o corpo e entrega-se à angústia...

Dirigir-se aos homens ele já considera inútil. Mas não passam nem cinco minutos e ele se endireita, sacode a cabeça como se sentisse uma dor aguda e puxa as rédeas... Ele não aguenta mais.

“Para casa — pensa ele. — Para casa!”

E a eguazinha, como que adivinhando-lhe o pensamento, põe-se a correr a trote miúdo. Cerca de hora e meia depois, Iona já está sentado junto a uma estufa grande e suja. Em cima da estufa, nos bancos, no chão, homens estão roncando.

O ar está denso e abafado... Iona olha para os dorminhocos, coça-se, e lamenta que voltou para casa tão cedo.

“Não ganhei nem para a aveia”, pensa ele. “É por isso que estou aflito. Um homem que entende do seu trabalho... que está de barriga cheia e o cavalo também, este está sempre sossegado...”

Num dos cantos, acorda um cocheiro moço, pigarreia e estende a mão para o balde de água.

– Deu vontade de beber? – pergunta Iona.

– De beber, pelo visto!

– Pois é... Bom proveito... Pois eu, mano... morreu meu filho... Soube? Esta semana, no hospital... Que história!

Iona olha para ver o efeito que produziram suas palavras, mas não vê nada. O moço puxou a coberta por cima da cabeça e já dorme. O velho suspira e se coça.

Assim como o moço tinha vontade de beber, ele tem vontade de falar. Logo vai fazer uma semana que o filho morreu, e ele ainda não conversou direito com ninguém... É preciso conversar com vagar, com calma... É preciso contar como o filho ficou doente, como sofreu, o que disse antes de morrer, como morreu. É preciso descrever o enterro e a viagem ao hospital para buscar a roupa do defunto. Na aldeia ficou uma filha, Aníssia... Também dela é preciso falar... Há tanta coisa de que poderia falar agora... O ouvinte deve gemer, suspirar, compadecer-se... Melhor ainda seria falar com mulheres. Elas podem ser burras, mas põem-se a chorar à segunda palavra.

“Vou ver o cavalo – pensa Iona. – “Sempre terei tempo para dormir... Dormirei até que chegue...”

Iona se veste e vai para a cavalaria, onde está a sua égua. Ele pensa na aveia, na palha, no tempo... No filho, quando está sozinho, ele não consegue pensar. Falar com alguém a respeito do filho, isso ele poderia, mas pensar sozinho e imaginá-lo é-lhe insuportável e assustador...

– Mastigas? – pergunta Iona ao seu cavalo, vendo-lhe os olhos brilhantes. Mastiga, anda, mastiga... Se não ganharmos para a aveia, comeremos palha... Pois é... Já estou velho para este trabalho... O filho é que devia trabalhar, e não eu... Aquele sim é que era cocheiro de verdade... Se ao menos vivesse...

Iona cala-se um pouco, depois continua:

– Assim é, mana eguinha... Não temos mais Kusma Ionitch... Foi-se desta para melhor... Pegou e morreu, à toa... Agora, imagina tu, por exemplo – tu tens um potrinho, e tu és a mãe desse potrinho... E de repente, imagina, esse mesmo potrinho se despacha desta para melhor... Dá pena ou não dá?

A eguazinha mastiga, escuta e esquenta com seu bafo as mãos do dono...

Iona se deixa arrebatado e conta-lhe tudo...